

CONSOLATIO MORTIS: QUANDO A PALAVRA ALIVIA A DOR DO LUTO ¹

Katia Teonia Costa de Azevedo² - UFRJ

RESUMO

Há em Roma alguns gêneros discursivos que se desenvolveram em âmbito funéreo, cujas características podiam variar entre o meio de expressão, o destinatário, o contexto de execução e os preceitos retóricos. Dentre esses gêneros, destacamos, neste artigo, a *consolatio mortis*, discursos consolatórios que seguem preceitos de variadas escolas filosóficas e que se desenvolveu, sobretudo, na prosa filosófica com o propósito de encorajar o enlutado a pôr fim a sua dor e, dessa forma, se reintegrar à vida social. Nesses discursos, a palavra, elaborada com rigor retórico, dedica-se a reconfortar o enlutado tomando como instrumento a tópica consolatória, tais como, *metriopatheia*; *praemeditatio futurorum malorum*; *opportunitas mortis* e *auocatio / reuocatio*.

PALAVRAS-CHAVE: *consolatio mortis*; luto, tópica consolatória

ABSTRACT

There are in Rome some discursive genres that have developed in funereal scope, possible characteristics diversify between the means of expression, the recipient, the context of execution and the rhetorical precepts. Among

¹ A primeira versão deste texto foi publicada na forma de capítulo intitulado “Da ausência ao discurso: formas de expressão do luto” como parte da tese doutoral *Mudas Cinzas: Catulo e a poética do luto*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

² Professora Doutora de Língua e Literatura Latina do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: katiateonia@letras.ufrj.br

these genres, we highlight, in this article, the *consolatio mortis*, consolatory discourses that follow the precepts of various philosophical schools and that developed, above all, in philosophical prose with the purpose of encouraging the mourner to put an end to his pain and, thus, reintegrate into social life. In these speeches, the word, elaborated with rhetorical rigor, is dedicated to comfort the mourners using the consolatory topic as an instrument, such as, *metriopatheia*; *praemeditatio futurorum malorum*; *opportunitas mortis* e *auocatio / reuocatio*.

KEY-WORDS: *consolatio mortis*; grief; consolatory topic.

A *Iliada* e a *Odisseia* oferecem passagens representativas na manifestação do sofrimento pelo luto, que indicam, de um lado, a existência de expressões poéticas, pertencentes à tradição litúrgica fúnebre, realizada em cerimônias funerárias, como por exemplo, o treno (Hom. *Il.* 22, 429; 23.12; 24. 721. *Od.* 24. 60 *apud* MIRMONT, 1903, p. 389); e de outro, os embriões de alguns gêneros que se dedicarão, especialmente, aos cuidados com o enlutado, e que terão o seu desenvolvimento na expressão escrita, em um contexto filosófico-literário, como é o caso da consolação (*Il.* 6.486 ss.; *Il.* 24.518 ss.; *Od.* 6. 188 ss. *apud* CAROÇO, 2011, p.26).

Encontramos em Roma, alguns desses gêneros discursivos que se desenvolveram em âmbito funéreo, cujas características podiam variar entre o meio de expressão, o destinatário, o contexto de execução e os preceitos retóricos, quais sejam: nênia, epicédio, elegia, epigrama, *laudatio funebris* e *consolatio mortis*. Com exceção da nênia, que se desenvolveu em território latino antes do contato com os gregos, tais gêneros fúnebres são de origem grega, possuem um papel sociocultural relevante e são importantes fontes para a compreensão dos aspectos que cingem a morte e o luto na antiguidade. Quando destinados ao morto, tinham como propósito render homenagens, perpetuar a memória daquele que se foi e, ainda, auxiliar o morto na transição do mundo dos vivos ao mundo dos mortos. Se dedicados

aos enlutados, contribuíam para a reelaboração emocional e reinserção social do ente lutuoso.

Convém dizer ainda que muitas dessas manifestações, quer líricas ou em prosa, quer ritualísticas ou literárias, apresentam afinidades que tornam o seu reconhecimento, muitas vezes, uma tarefa complexa, especialmente, quando as fontes primárias são escassas. Isso é traduzido, muitas vezes, na dificuldade de compreender o sentido próprio dessas variadas expressões, o que acarreta uma inconsistência nos termos que os denomina. Newmyer (1979, p. 19) chama essa imprecisão lexical de *fluidity of terminology*, “fluidez de terminologia” e menciona ainda que gêneros como epitáfio, epicédio e treno já eram considerados sinonímicos por autores antigos, que já apreendiam essas afinidades. Essa ambivalência é atribuída, em grande parte, à tradição teórica clássica, como assevera Cairns:

Os retóricos antigos, com seu habitual desprezo pela lógica e preocupação por conveniência, poderiam impor nomes a padrões genéricos preexistentes e bem conhecidos, com vistas a enfatizar as distinções entre os elementos secundários de diferentes gêneros ou à similaridade entre os elementos primários de diferentes gêneros.³

A esse respeito, Nobili (2006, p. 3) destaca que muitas das expressões poéticas são interpretadas pela filologia alexandrina com base em critérios formais que são artificiais e estranhos à época arcaica, sem levar em conta aspectos essenciais aos fenômenos poéticos, quais sejam: performance, conteúdo, métrica e dimensão. Nessa perspectiva, tais gêneros eram tomados, pois, como variações uns dos outros, como os já citados epitáfio, epicédio e treno, além da elegia em relação ao treno e ao epicédio; o epicédio em relação ao *mandata morituri*, a nênia em relação ao treno e ao epitáfio, etc.

³ “Ancient rhetoricians, with their usual disregard of logic and concern for convenience, could impose names on pre-existent and well-known generic patterns with a view to emphasizing either the distinctions between the secondary elements of different genres or the similarity between the primary elements of different genres.” Francis Cairns. *Genre Composition in Greek and Roman Poetry*, Edinburgh, 1972, p. 18 *apud* NEWMYER, 1979, p. 19.

Este artigo dedica-se à apresentação de um desses gêneros discursivos – a *consolatio mortis* – tão importante para a compreensão da dor pela perda de uma pessoa querida e de grande valor sociocultural e literário, pois nos ajudam a refletir sobre o comportamento e as inquietações do homem antigo diante da morte do outro.

A palavra como memória e cuidado

Há dois gêneros discursivos fúnebres que concentram a sua expressão essencialmente no *lógos*, no vigor do discurso e da palavra, quais sejam: *laudatio funebris* e *consolatio mortis*. De um lado um discurso ritualístico que enaltece a memória – *laudatio funebris*, oração fúnebre realizada nos funerais e que possuía um caráter mais solene, comparado às nênias. Esse elogio era protagonizado pelos parentes homens mais próximos do morto, como filho e neto, e se destinava, especialmente, a celebrar a vida daquele que morreu, enaltecendo as suas conquistas não apenas à família enlutada, mas à sociedade em geral. De outro um discurso terapêutico que atuava na recuperação do enlutado – *consolatio mortis*, um subgênero consolatório que surge como uma expressão poética presente na épica homérica e só mais tardiamente se desenvolve como gênero, a *consolatio*, que se destinava não apenas a confortar as dores provenientes da perda pela morte de uma pessoa querida, mas também outras adversidades que poderiam afetar o homem antigo, tais como a pobreza e o exílio. A *consolatio mortis* faz parte, portanto, de um grupo de discursos consolatórios que seguem preceitos de variadas escolas filosóficas e se desenvolveu, sobretudo, na prosa filosófica com o propósito de encorajar o enlutado a pôr fim a sua dor e se reintegrar à vida social. Diferente, pois, dos gêneros da nênia, epicédio, elegia e epigrama, formas de expressão lírica, o luto não é poeticamente elaborado na *laudatio funebris* e na *consolatio mortis*. Nesses discursos, as palavras, elaboradas com rigor retórico, dedicam-se a enaltecer o morto e a reconfortar o vivo, cabe ressaltar, ainda, que os agentes desses discursos são exclusivamente figuras masculinas.

Consolatio mortis: o discurso que cura

Telêmaco chega na companhia de Pisístrato à Lacedemônia em meio a um banquete nupcial para buscar, junto a Menelau, notícias de seu pai, Odisseu. Os estrangeiros são bem acolhidos, em conformidade com os preceitos da hospitalidade, e ainda sem saber ao certo de quem se tratava, Menelau começa a recordar a sua estória, que, ao se cruzar com a de Odisseu, comove Telêmaco, que chora. O encontro de ambos os prantos é o pretexto do aconselhamento de Menelau, como se observa no excerto abaixo, na belíssima tradução de Trajano Vieira:

ἡμεῖς δὲ κλαυθμὸν μὲν ἑάσομεν, ὃς πρὶν ἐτύχθη,
δόρπου δ' ἕξαυτίς μνησώμεθα, χερσὶ δ' ἐφ' ὕδωρ
κευάντων. μῦθοι δὲ καὶ ἠῶθέν περ ἔσσονται
(Hom. *Od.* 4.212-214)

Suspendamos o pranto a que nos entregamos!
Tornemos ao banquete, depurando as mãos
Na água sem nódoa.⁴

Helena, na tentativa de afastar o pranto de Menelau e amenizar a dor do lugente de pai desaparecido, prepara secretamente uma poção adicionada ao vinho com um *phármakon*, que recebera da egípcia Polidama, esposa de Tone:

ἔνθ' αὐτ' ἄλλ' ἐνόησ' Ἑλένη Διὸς ἐκγεγαυῖα:
αὐτίκ' ἄρ' εἰς οἶνον βάλε φάρμακον, ἔνθεν ἔπινον,
νηπενθές τ' ἄχολόν τε, κακῶν ἐπίληθον ἀπάντων.
ὃς τὸ καταβρόξειεν, ἐπήν κρητῆρι μιγείη,
οὐ κεν ἐφημέριός γε βάλοι κατὰ δάκρυ παρειῶν,
223
οὐδ' εἴ οἱ κατατεθναίῃ μήτηρ τε πατήρ τε,
οὐδ' εἴ οἱ προπάροιθεν ἀδελφεὸν ἢ φίλον υἱὸν
(Hom. *Od.* 4.219-225)

A divina Helena

⁴ Tradução de Trajano Vieira tomada à edição da *Odisseia* (2011, p.107)

labora um plano diferente: versa fármaco
no vinho que bebiam: sofrimento, cólera,
os males memoráveis, tudo amortecia.
Quem sorvesse a mistura da cratera funda,

susteria o lamento na extensão de um dia,
mesmo se mortos pai e mãe, mesmo se mortos
à sua frente, a fio de bronze, irmão ou filho.⁵

Nessa passagem, a dor é afastada por Helena pelo uso de um *phármakon*, cujo efeito tranquilizante irá alterar quimicamente os sentidos daqueles que sofrem a ausência de seus entes queridos. O entorpecimento, que durará um dia, afasta todos os males àqueles que beberam a sua poção. O que Helena, em sua face egípcia, oferece aos convivas é o não-luto (*nepenthés*) e a não-raiva (*ákholon*) (SAIS, 2014, p. 107), efeitos anódinos de seu medicamento, experiência muito similar à que se vive nos dias de hoje, quando recorremos a certos medicamentos com efeito igualmente sedativo.

Para abrandar a dor e outros fins, os gregos manejaram com destreza um outro tipo de *phármakon*, o *lógos*, *du plus redoutable phármakon*⁶, capaz de persuadir a mesma Helena a seguir Alexandre, de acalmar corações lúgubres e conduzir almas para um novo mundo. Górgias de Leontinos, na tentativa de isentar a culpa de Helena por ter abandonado Menelau, compôs uma obra em que destaca a potência do *lógos*. Em seu *Elogio de Helena* (Ἡλενεῦς Ἐνκομιον), Górgias ressalta a capacidade do *lógos* de provocar emoções e de persuadir os homens: “O discurso é um grande e soberano senhor, o qual, com um corpo pequeníssimo e invissibilíssimo, diviníssimas ações opera.” (Gorg, *Hel.*, 8. *apud* DINUCCI, 2009, p. 205).

A importância do *lógos* no contexto fúnebre pode ser percebida pela grande diversidade de gêneros discursivos que, desde a Grécia antiga, ocupam um papel sociocultural expressivo, a título de exemplo, poderíamos citar as orações fúnebres atenienses (ἐπιτάφιος λόγος), que segundo Werner

⁵ Tradução de Trajano Vieira tomada à edição da *Odisseia* (2011, p.107)

⁶ Jacques Derrida. *A Farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. 3ª edição revista. Iluminuras. São Paulo, 2005, p.61

(2014, p.221), “parecem ter se destacado mais por seu caráter político-militar e pelo enaltecimento da *pólis*” .

Tendo como principal meio de transformação o *lógos*, a *consolatio* será um gênero discursivo, que encontrará especialmente na prosa filosófica o ambiente mais fecundo para sua propagação. Apesar do desenvolvimento da *consolatio* como gênero se estabelecer efetivamente a partir do período helenístico, os primeiros exemplares do discurso consolatório já estão presentes na poesia homérica (*Il.* 6.486 ss.; *Il.* 24.522-551.; *Od.* 6. 188 ss. *apud* CAROÇO, 2011, p.26), mas foram os sofistas, na vanguarda de Antifonte, que deram a esse discurso o vulto de *lógos paramythétikos*. Plutarco destaca o papel de Antifonte e do seu *lógos* no processo de cura dos sofrimentos humanos⁷:

O princípio da *téchné* antifontiana está presente também em Górgias de Leontinos, que se vale da ambivalência do *lógos*, enquanto *phármakon*, ao dizer que “é possível, pois pelas palavras, tanto o medo acalmar e a dor afastar quanto a alegria engendrar e a compaixão intensificar” (*Gorg. Hel.* 8. *apud* DINUCCI, 2009, p. 205), ambiguidade já manifestada por Homero (*Od.* 4. 228-229) em passagem do já citado *phármakon* egípcio utilizado por Helena: “o solo fértil mana / bastante droga, que repara ou que assassina”⁸. O dualismo antitético do *phármakon* medicamentoso se aplica ao *lógos*, que igualmente encontra nesse duplo sentido a capacidade de “reparar ou assassinar” e é, nessa potencialidade que se instaura o *lógos* como reparo, que na sua versão consolatória atua como *lógos paramythétikos*, discurso que assumirá em pensamento latino a expressão de *ratio consolandi*.

Como gênero propriamente dito, a *consolatio* assumia, amiúde, a forma de tratado ou carta, mas como discurso não se restringia à prosa, haja vista a já citada referência homérica e o poema 96 de Catulo, em que o poeta dirige ao amigo Calvo palavras de conforto em virtude da morte de sua

⁷ Plutarco destaca o papel de Antifonte e do seu *lógos* no processo de cura dos sofrimentos humanos (Pseudo-Plutarco. *Vidas dos dez oradores*. 833c)

⁸ Na tradução de Trajano Vieira tomada à edição da *Odisseia*, Editora 34, 2011, p.107 do original
“ἐσθλά, τὰ οἱ Πολύδαμνα πόρεν, Θῶνος παράκοιτις/Αἰγυπτίη, τῇ πλεῖστα φέρει ζεῖδιωρος ἄρουρα” (*Od.* 4. 228-229).

esposa. A forma, portanto, é aspecto menos relevante, de modo que é preciso levar em conta a matéria em si (CAROÇO, 2011, p. 30).

Cumprido dizer também que a consolação não se destinou apenas a confortar a dor dos enlutados. A *ratio consolandi* estava à serviço do tratamento de “todas as circunstâncias às quais se pode denominar infortúnio”⁹, nesse sentido, Cícero (*Tusc.*3.81) enumera algumas dessas *calamitates*, cuja cura poderia ser encontrada no discurso consolatório, quais sejam: *de paupertas* (da pobreza), *de uita inhonorata et inglória* (da vida sem honra e sem glória), *de exilio* (do exílio), *de interitu patriae* (da ruína da pátria), *de seruitute* (da escravidão), *de debilitate* (da enfermidade) e, por fim, *de caecitate* (da cegueira). Além da *consolatio mortis*, tipo mais recorrente nas fontes preservadas do gênero consolatório, a *ratio consolandi* dedicou-se, portanto, a esses variados temas, constituindo inúmeros tipos de consolação, denominadas assim *consolatio de caecitate*, *consolatio de paupertate*, *consolatio exilii*, *consolatio de infirmitate*, etc (REDONET, 2003).

Fazendo uso de metáfora médica, Cícero assinala que assim como um médico trata as diversas partes do corpo, de igual modo a filosofia, em sua função terapêutica, se dedica ao tratamento de uma grande variedade de sofrimentos. Nessa perspectiva, a cada uma dessas desgraças (*calamitates*) caberia um remédio específico, conforme a doutrina (*schola*) mais adequada, tal qual Cícero (*Tusc.* 3.82) diz: “existem consolações adequadas para cada situação, sobre as quais ouvirás realmente, sempre que quiseres”.¹⁰ Além disso, as dores não atingem a todos da mesma forma. Em outra importante passagem das *Tusculanas* (3.76), Cícero destaca que cada ser pode ser tocado pela dor de forma diferente (*alius enim alio modo mouetur*), por essa razão é necessário analisar que tratamento cada um pode receber (Cic. *Tusc.* 3.79)¹¹, descrevendo algumas das maneiras de consolação empregadas de acordo com o tipo da escola filosófica. Essa diversidade de abordagens foi

⁹ “de omni casu in quo nomen poni solet calamitatis” (*Tusc.*3.81).

¹⁰ “etsi singularum rerum sunt propriae consolationes, de quibus audies tu quidem, cum uoles”

¹¹ “Nimirum igitur, ut in causis non semper utimur eodem statu”

usada pelo filósofo por ocasião da elaboração da sua própria consolação, *De luctu minuendo*, elaborada em razão da morte de sua filha.

Diferente de outros gêneros discursivos fúnebres, tais como a nênia, o epicédio e a *laudatio funebris*, a *consolatio mortis* não se circunscreve aos rituais fúnebres e não possui caráter performático, conforme Redonet assevera:

[a *consolatio*] é um ato perlocutório orientado para a função específica de modificar a forma de pensar daquele que se lamenta pela desgraça. Aspecto já intuído pelos retóricos antigos ao classificar a *consolatio* entre as *quaestiones actionis*¹².

Por essa razão a *consolatio* opera no *luctus*, que, geralmente, se acentua depois do cerimonial funerário, como pode ser observado na obra senequiana *Ad Marciam de consolatione* elaborada à mãe enlutada Márcia três anos após a morte de seu filho.

A *Consolação a Hipocles*, composta por Crantor, é a primeira consolação de que se tem registro. Ela é dedicada a Hiploces, em virtude da perda de seu filho. O primeiro exemplar em língua latina foi a consolação¹³, composta por Cícero por ocasião da morte de sua filha, que assim como o exemplar grego, também não chegou completa até os dias de hoje, e faz parte do grupo de obras em prosa perdidas do autor¹⁴. O ineditismo da composição de Cícero é marcado não apenas por inaugurar em território latino o gênero consolatório, mas também por se tratar de uma autoconsolação, aspecto que traria à obra um caráter inédito, como

¹² “um acto orientado a la función específica de modificar la forma de pensar del que se lamenta por la desgracia. Esto había sido intuído ya por los retóricos antiguos al clasificar la *consolatio* entre las *quaestiones actionis*” (Fernando Lillo Redonet. *Palabras contra el dolor. La consolación filosófica latina de Cicerón a Fronto*. Madrid, 2001, p. 81 *apud* CAROÇO, 2011, p. 28)

¹³ Segundo Baltussen (2013, p. 69), Cícero ao se referir a sua consolação faz uso de três expressões: *Consolatio* (*Tusc* 3.76, *Att.* 12.14.3), *Librum de luctu minuendo* (*Att.* 12.20) ou ainda *Per litteras* (*Att.* 12.14.3)

¹⁴ De acordo com o *Inventário da obra ciceroniana* (Costa, Marco Antonio. *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*, 2013, p. 26), além da *Consolatio* (45), fazem parte desse grupo *Hortensius* (45), *Laus Catonis* (45), *De Gloria* (44), *De Virtutibus*, *De Auguriis*, *De Consiliis Suis*, *Chorographia* e *Admiranda*.

sublinha o próprio filósofo em carta ao amigo Ático (Cic. *Att.* 12.14.3 *apud* BALTUSSEN, 2013, p. 67). Cícero, acreditando que o espírito poderia se automedicar (Cic. *Tusc.* 3.5), tentou consolar-se com a escrita (Cic. *Att.* 12.14.3) e elaborou a sua autoconsolação, “como um remédio para sua alma doente”, reunindo preceitos das mais variadas escolas filosóficas, “pois o espírito estava perturbado e nele se experimentava todas as curas” (Cic. *Tusc.*3.76)¹⁵. Contudo, um precioso exemplar do discurso consolatório ciceroniano decorre de suas correspondências. Em carta, inserida na compilação *Ad familiares*, remetida por Sêrvio Sulpício Rufo a Cícero, o filósofo nos oferece um relevante arquétipo desse gênero, em cujo exórdio podemos apreciar uma das funções características da *consolatio mortis*: o uso do discurso como tentativa de ajudar a pôr fim à dor do enlutado (KONSTAN, 2002):

tamen, quae in praesentia in mentem mihi uenerunt, decreui breui ad te perscribere, non quo ea te fugere existimem, sed quod forsitan dolore impeditus minus ea perspicias. (Cic. *Ad. Fam.* 4.5.1)

No entanto, as coisas que vieram presentemente à minha mente decidi escrever a ti brevemente, não que eu julgue que tu vais fugir dessas coisas, mas porque talvez impedido pela dor tu as assimiles menos¹⁶

O princípio filosófico da *consolatio* é a atuação da filosofia como remédio para alma (Cic. *Tusc.*3.6), preceito que se evidencia nos compromissos do consolador enumerados por Cícero (*Tusc.* 3.75) e que apresentamos a seguir:

Haec igitur officia sunt consolantium, tollere aegritudinem funditus aut sedare aut detrahere quam plurimum aut suppressere nec pati manare longius aut ad alia traducere. (Cic. *Tusc.* 3.75)

Estes são, portanto, os deveres daqueles que consolam: suprimir completamente ou aliviar ou diminuir ao

¹⁵ “erat enim in tumore animus, et omnis in eo temptabatur curatio.”

¹⁶ Todas as traduções são de nossa autoria, exceto quando há a indicação do tradutor.

máximo ou conter a dor, e não permitir que ela se espalhe ainda mais ou afete outras coisas.

A importância da *ratio consolandi* no mundo greco-romano consiste em dois pilares, presentes já nas expressões consolatórias homéricas: aliviar a dor da perda e a necessidade prática de retorno à vida cotidiana (NOBILI, 2006, p. 5; CUSPINERA, p. 2006, 94), especialmente, ao herói, a quem exigiam uma atitude distinta (NOBILI, 2006, p. 7).

O exercício consolatório também foi praticado por Sêneca, como já ressaltamos, em suas *Cartas consolatórias*, conjunto de três consolações compostas à Márcia (*Ad Marciam de consolatione*), Polybio (*Ad polybium consolatione*) e Hêlvia (*Ad Heluam consolatione*), sendo as duas primeiras *consolationes mortis* e a última uma consolação a sua mãe, em virtude da separação causada pelo exílio de Sêneca, portanto uma *consolatio exilii*, obra em que o filósofo demonstra a dificuldade em compor uma consolação aos seus, cuja razão do sofrimento era ele próprio (Sen. *Helu.* 1.1).

Sêneca em sua *Ad Marciam de consolatione* faz referência à estrutura essencial da *ratio consolandi* mencionando que normalmente os preceitos (*praecepta/argumenta*) são apresentados antes dos exemplos (*exempla*). A propósito dos *exempla* no discurso consolatório, Cícero (*Tusc.* 3.57) destaca o valor pedagógico desse recurso na *ratio consolandi* asseverando que “são suportáveis o que os outros tenham suportado e o que suportarão”¹⁷. Na sequência desse pensamento, ao mencionar o sofrimento das crianças órfãs, o filósofo destaca ainda que “o luto daqueles que mais padecem, são amenizados pelos exemplos do sofrimento dos outros” (Cic. *Tusc.* 3.58)¹⁸. A ordem *praecepta/argumenta-exempla* deve ser adequada, segundo Sêneca, a cada pessoa uma vez que algumas são guiadas pela razão e outras se deslumbram com os exemplos de pessoas ilustres (Sen. *Marc.* 2.1).

Contudo, o *exemplum* refletido na fórmula consolatória *non tibi hoc soli* “isto não acontece apenas com você” (Cic. *Tusc.* 3.79) pode não ser útil a

¹⁷ “sed significat tolerabilia esse, quae et tulerint et ferant ceteri”

¹⁸ “qui grauius ferunt, luctus aliorum exemplis leniuntur”

todos aqueles carentes de conforto, de modo que o desafio seja “demonstrar ao que sofre que ele sofre por sua própria decisão” (Cic. *Tusc.* 3.79)¹⁹. Por essa razão é que a dor está distante do sábio, a quem nada existe como um mal (Cic. *Tusc.* 3.80)²⁰, porque ela é inane, vazia (*inanis*), não é algo natural (*non natura*), ela é sustentada por uma decisão voluntária (*iudicio*) e por crenças (*opinio*) e por um convite ao sofrimento (*inuitatione ad dolendum*) (Cic. *Tusc.* 3.82)²¹.

Em Homero encontramos os principais preceitos consolatórios no discurso de Aquiles a Príamo, passagem que, segundo Nobili (2006, p.6), é considerada o exemplo mais expressivo de *consolatio* homérica por reunir “alguns motivos que serão típicos das *consolationes* posteriores tais como a futilidade do pranto, o sofrimento humano comum e a memória dos piores males sofridos no passado”²². Ademais a tópica consolatória atestada em Homero, podemos verificar, na retórica do discurso de consolação, uma tópica própria da *consolatio mortis*, desenvolvida a partir de preceitos das variadas doutrinas filosóficas, tais como:

a) *metriopatheia* – *tópos* peripatético, difundido por Crantor e seguido por Cícero e Sêneca²³, que consistia em se permitir vivenciar as emoções com moderação, o que se distinguia do preceito estoico de *apatheia*, que consistia na extirpação da emoção;

b) *praemeditatio futurorum malorum* (Cic. *Tusc.* 3.29) ou *nihil inopinati accidisse [nihil mali]* (Cic. *Tusc.* 3.76) – *tópos* cirenaico, a mais expressiva contribuição da escola cirenaica para o gênero consolatório (CAROÇO, 2011, p. 89), que sugeria que a antecipação dos males a partir de uma reflexão

¹⁹ “Magnum opus est probare maerenti illum suo iudicio”

²⁰ “cui malum uideri nullum potest”

²¹ “Sed ad eundem fontem reuertendum est, aegritudine procul abesse a sapiente, quod inanis sit, quod frustra suscipiatur, quod non natura exoriatur, sed iudicio, sed opinione, sed quadam inuitatione ad dolendum, cum id decreuerimus ita fieri oportere”.

²² “alcuni motivi che saranno tipici delle *consolationes* di epoca successiva quali l'inutilità del pianto, la comune sofferenza umana e il ricordo di mali peggiori patiti in passato”

²³ De acordo com Fournier (2009), Sêneca emprega na *Ad Marciam de consolatione* ambas as doutrinas: “The first two *prosopopeiae* urge Marcia to adopt an attitude of moderation of her grief (*metriopatheia*) while the final address commends the elimination of her grief (*apatheia*)”. Michael Fournier. “Seneca on Platonic *Apatheia*”, in: *Classica et medievalia*, vol. 60, Museum Tusculanum Press, 2009, p.212

prévia das suas causas poderia atenuar o sofrimento quando surgirem, uma vez que “todas as coisas consideradas más são mais graves quando imprevistas” (Cic. *Tusc.*3.30)²⁴;

c) *opportunitas mortis* – a ocasião da morte compreendida com benevolência, expressão tomada de Cícero, que por ocasião da morte prematura de seu amigo Hórtalo, escreveu “recebamos a ocasião da morte dele [Hórtalo] antes com benevolência do que com piedade” (Cic. *Brut.* 1.4)²⁵;

d) *auocatio / reuocatio* – tópica epicurista que consistia em aliviar o sofrimento afastando os males da mente e partindo em busca de distrações, preceito pautado na “distração” (*auocatio*), uma transformação do pensamento, e no “chamamento” (*reuocatio*), no direcionamento para outras coisas e foi recapitulado por Cícero em suas *Tusculanas* (3.33), em que o filósofo também reelaborou o preceito de Epicuro na expressão *a malis ad bona* (*Tusc.* 3.76).

A *ratio consolandi* dispõe ainda de uma variedade de *tópoi* que se adequam aos fins de cada *consolatio*. A título de exemplo, podemos citar a *adiaphora*, *tópos* estoico, da doutrina de Cleanto, empregado com frequência, conforme Holloway (2004, p.75), nas consolações de exílio.

A tradição consolatória, especialmente, as obras filosóficas latinas são fontes preciosas para a observação do pensamento do homem antigo a respeito da morte, do luto e outras dores, no entanto, vale lembrar que esses discursos eram elaborados por homens pertencentes à aristocracia e se destinavam a aristocratas, pois apenas as famílias mais abastadas possuíam seus próprios guias espirituais, filósofos que os aconselhavam, prática mencionada por Sêneca em sua *Ad Marciam de consolatione*. A referência decorre de um dos *exempla* que o filósofo apresenta à Márcia, o de Júlia, irmã do imperador Augusto. Nessa passagem, Sêneca comenta que Areu Dídimos, filósofo da corte imperial, foi procurado por Júlia, por ocasião do falecimento de seu filho Druso, para ser consolada, como se observa no excerto abaixo:

²⁴ “quae mala putentur, sint inprovisa grauiora”

²⁵ “illius uero mortis opportunitatem beneuolentia potius quam misericordia prosequamur”

Illa in primo feruore, cum maxime inpatientes
ferocesque sunt miseriae, consolandam se Areo,
philosopho uiri sui, praebuit

(Sen. *Marc.* 4.2).

Ela, em meio ao primeiro impacto quando a dor é
verdadeiramente intolerável e atroz, recorreu ao filósofo
de seu marido, Areu, para ser consolada.

A *consolatio*, portanto, foi um gênero que se desenvolveu em Roma especialmente no contexto filosófico, pautado em variadas doutrinas filosóficas gregas difundidas em Roma por Cícero. Apesar do gênero *consolatio* ganhar vulto na prosa filosófica, o discurso consolatório teve sua primeira expressão na poesia homérica e permaneceu na tradição literária elaborando a sua função terapêutica em versos. É importante mencionar que a *consolatio* desenvolverá uma tópica própria adequada a cada fim e a cada discurso poético. Além da tópica já mencionada que sustenta a *consolatio mortis*, o vigor poético do discurso consolatório talvez se explique na disposição humana em expressar o amparo, como aquela que aproximou os inimigos Príamo e Aquiles ou aquela do piedoso Eneias, na tentativa de consolar Dido, que caiu em desgraça por causa da sua repentina partida (Verg. *Aen.* 4.393-6), ainda que tais palavras tenham chegado tarde demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos Antigos

CÍCERO. *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Basseto. EDUFU, Uberlândia, 2014

CICÉRON. *Tusculanes*. Tome I, II. Texte établi par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert. Les Belles Lettres, Paris, 1931

_____. *Brutus*. Texte établi et traduit par Jules Martha. Les Belles Lettres, Paris, 1923

CICERO. *Epistulae ad familiares*. Volume II, 47-43 b.C., Edited by D.R. Shackleton Bailey. [1977], Cambridge University Press, 2004

HOMÈRE. *L'Odyssee. Poésie Homérique*. Tome I. Chants I-VII. Texte établi et traduit par Victor Bérard. [1924], 7^e édition. Les Belles Lettres, Paris, 1967

HOMERO. *Odisseia*. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Ensaio de Italo Calvino. Editora 34, São Paulo, 2011

SÈNÈQUE. *Dialogues. Consolations*. Tome III. Texte établi et traduit par René Waltz. Les Belles Lettres, Paris, 1942

VIRGILE. *OEUVRES DE VIRGILE*. Texte latin publiées avec une introduction biographique et littéraire des notes critiques et explicatives des gravures, des cartes et un index, par F. Plessis et P. Lejay, Librairie Hachette, 1920

Estudos críticos

BALTUSSEN, Han. “Cicero’s *Consolatio ad se*: Character, Purpose and Impact Of A Curious Treatise” in *Greek and Roman Consolations: Eight Studies of a Tradition and its Afterlife*. Classical Press of Wales, Swansea, 2013

CAROÇO, Alexandra Flôr Pauzinho. *Omnia humana caduca sunt: a consolação a Márcia de Sêneca*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, sob orientação de Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel., 2011.

CUSPINERA, Patricia Villaseñor. « La expresión del dolor: un sentimiento prescrito. (Quint., Inst. Or., VI. pr., y Stat., Silv., V.V.) » in *Nova Tellus* [en línea] 2006, 24 (Sin mes) : [Fecha de consulta: 15 de febrero de 2017] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59114742005>> ISSN 0185-3058

DINUCCI, Aldo. “Apresentação e tradução do *Elogio de Helena* de Górgias de Leontinos”, In *Ethica*, v.16, n° 02, p.201-212, 2009

KONSTAN, David. *El luto y el olvido, o cómo olvidarnos de los muertos*. In *actas del XVII Simposio Nacional de Estudios Clásicos de Argentina*. 2002.

HOLLOWAY, Paul A. *Consolation in Philippians: Philosophical Sources and Rhetorical Strategy*. Cambridge University Press. Cambridge, 2004

MIRMONT, H. de la Ville de. *Études sur l'ancienne poésie latine*. Albert Fontemoing éditeur, Paris, 1903

NEWMYER, Stephen Thomas. *The Silvae of Statius, structure and theme*. E. J. Brill, 1979

NOBILI, Cecilia. *Omero e l'elegia trenodica*. in: Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano. Volume LIX – Fascicolo III, Settembre-Dicembre, 2006. Disponível em www.ledonline.it/acme

REDONET, Fernando Lillo. “La *consolatio de caecitate* en la literatura latina”. in: *Helmantica* 54.164-65, 2003, pp. 369-390.

SAIS, Lilian Amadei. “Helena em Odisseia IV”. In *Nuntius Antiquus*, v. X, nº1, 2014

WERNER, Erika. “At non inglorius umbris mittitur Epitáfios e epicédios dedicados a animais no contexto greco-romano”. In WERNER, C., SEBASTIANI, B.B., DOURADO-LOES, A. *Gêneros Poéticos na Grécia Antiga: Confluências e fronteiras*. Humanitas, São Paulo, 2014